
O Processo da Circulação Midiática na Contemporaneidade¹

Hélio Ferreira MENDES JÚNIOR²
Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

Através dos tensionamentos trazidos pelos autores Braga (2017), Fausto Neto (2018) e Grohmann (2020) e a partir dessa teorização pensar no processo de circulação midiática como esta acontece e assim na concepção de uma informação que gera um produto midiático. Compreender a problemática de como a informação e como está em circulação em diferentes lugares, locais e mesmo no digital com o advento do uso da Internet hodiernamente na sociedade nas plataformas digitais. Objetivo aqui é averiguar este processo da circulação midiática através dos processos de produção e recepção e pela circulação de sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Circulação; Comunicação; Informação; Midiática; Processo.

As contribuições sobre os estudos de circulação midiática para o campo da comunicação vistas pelas perspectivas teóricas alçadas pelos autores Braga (2017), Fausto Neto (2018) e Grohmann (2020) aportam as teorias tensionadas e aqui que vislumbram como a informação circula em campos distintos dentro da comunicação midiática. Assim estes autores estruturam os conceitos trazidos para ancorarem as abordagens metodológicas neste que se divide em duas partes: A circulação na Mídia trazendo as contribuições históricas dos estudos de circulação e o Processo da Circulação Midiática. Para Braga (2017) existe uma tendência bem frequente é a de pensar “circulação” como referência ao processo desenvolvido pelo produto midiático, da emissão à recepção.

Nessa perspectiva, mensagem, informação, produtos da mídia circulam, que assim assinala ainda um outro processo desta circulação midiático. E a coloca como Circuitos de Comunicação. O autor Fausto Neto (2018) a traz como Trajetos

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, bolsista CAPES, email: helio.mendes@acad.ufsm.br

Conceituais. E para Grohmann (2020) discute, O que é essa Circulação em Comunicação, nas suas dimensões mais epistemológicas. A circulação midiática A circulação na perspectiva teórica e histórica pelo autor Fausto Neto (2018), seria até então, um conceito ‘congelado’ pela tradição de estudos comunicacionais de uma problemática esquecida? Sendo posta na agenda da produção científica desta área graças, principalmente: “à trajetória investigativa de Eliseo Verón que, por muitos anos, foi um dos protagonistas centrais, para não dizer pioneiro, no desenvolvimento da pesquisa sobre a circulação em contextos da América Latina”. (pág. 8).

Fausto Neto (2018), apresenta o cenário onde começam os estudos sobre circulação na comunicação, a partir da década de 1970:

As pesquisas sobre o funcionamento da circulação resultam de hipóteses que já haviam sido lançadas há, pelo menos, cinquenta anos, nos fins das décadas 1970 e no início da década seguinte. Se algumas delas destacavam apenas indicativos sobre uma modalidade de funcionamento automatizado, ou naturalizado da circulação, outros frisavam que os rastros de seu funcionamento seriam invisíveis restando reconhecer que a circulação seria a diferença de uma atividade de contato entre produtores e receptores de mensagens. Diante dessa impossibilidade de rastrear a circulação, restaria reconhecer que o contato feito entre esses dois polos se passaria em torno de intervalo, cuja especificidade de sua natureza e de suas manifestações foi, por longo tempo, ignorada. Tal desconhecimento estava também associado ao fato de que a expectativa que o processo comunicacional geraria estava vinculada à questão dos efeitos. (FAUSTO NETO, 2018, p. 15).

O autor compreende que há uma diferença entre uma atividade de contato de produtores e receptores de mensagens. O processo comunicacional vincula-se aos seus efeitos e com isso insere numa articulação entre “circulação de sentidos” e “circulação do capital”, que segundo Grohmann (2020) apresentam-se: “potências teórico-metodológicas para o conceito no campo da comunicação, envolvendo lutas por circulação e disputas de sentidos como compreender a circulação sem que seja uma metáfora: “tal assunto circulou na mídia”” (pág.2). Esses sentidos articulados e em disputa ainda estão presentes na atual conjuntura da circulação? Dentro desta permissa como que determinado assunto circulou na mídia. Seria da mesma forma como circulava as manchetes dos jornais nas bancas, ou da escalada de um telejornal que apresenta os primeiros elementos da informação, essa é a possibilidade de compreensão do processo da circulação midiática?

Para isso através dos estudos de circulação as contribuições referentes a que modelos de transmissão está inscrita essa circulação e Fausto Neto (2018) vai pontuar sobre os antigos modelos de transmissão-recepção de sentidos:

[...] que operavam sob o crivo de instâncias mediacionais, como os mass media, saem de cena e dão lugar às novas modalidades de contatos. Estes se organizam em torno de uma dinâmica de circulação, inerente ao intercâmbio comunicacional desde uma perspectiva interpessoal, mas novas roupagens entram em cena com a Internet, cuja mutação causa novas formas de intercambialidade segundo fluxos e circuitos de lógicas não-sequenciais e/ou não lineares. (FAUSTO NETO, 2018, p. 8).

As novas modalidades advindas com o uso da Internet que faz circular o produto midiático do mass media, que está em diferentes canais de recepção como são os aplicativos de mensagens e redes sociais que onde circulam os conteúdos midiáticos.

Pelo campo da comunicação social, Braga (2017) aponta uma observação sobre a circulação:

Na verdade, é importante, para uma compreensão aprofundada da comunicação social, observar os dispositivos interacionais não midiáticos que se interpolam nos circuitos, capilarizando a geração e a circulação de ideias, opiniões, atitudes, perspectivas sociais, propagação de códigos em compartilhamento – e tudo o que possa interessar, de perto ou de longe, à sociedade e a seus participantes. Assim, é interessante não descurar dos momentos em que os dispositivos criadores e repassadores dos processos em circulação sejam de ordem conversacional, presencial ou a distância, públicos ou privados, que justamente, hoje, têm condições de não ficarem acantonados no vasto espaço “mudo” da recepção. Diversamente, podem interpolar sua fala no fluxo aparentemente mais vistoso e acelerado da mídia. (BRAGA, 2017, p. 48).

A mídia que está mais acelerada impõe novas práticas para essa circulação midiática segundo o autor, e seja em diferentes ordens que não ficam represadas na recepção e para não descuidar do momento da circulação que apresenta essa perspectiva pela comunicação social. E para Fausto Neto (2018) que irá atribuir ao mass media essa circulação pelo intercâmbio comunicacional, enquanto Grohmann (2020) pontua a

circulação pela disputa de sentidos para compreender a circulação de modo mais metafórico.

O Processo da Circulação Midiática

O processo de circulação midiática como apresentada pelos três autores, ocorre no funcionamento de sua circulação na comunicação e na Internet, conceituam através da produção e recepção articulam seus tensionamentos com outros autores como Verón (1983 e 1996) e Sodré (2014). A identificação de Braga (2017) deste processo de circulação midiática é como um produto, como “um objeto para circular”:

[...] a circulação nessa visada abrangente, decorre daí que o produto mediático não é o ponto de partida no fluxo. Pode muito bem ser visto como um ponto de chegada, como consequência de uma série de processos, de expectativas, de interesses e de ações que resultam em sua composição como “um objeto para circular” – e que, por sua vez, realimenta o fluxo da circulação, como material de passagem entre as diferentes estações processuais, que são os episódios interacionais (e correspondentes dispositivos interacionais) dinamizadores da circulação. A rigor, não é “o produto” que circula – mas encontra um sistema de circulação no qual se viabiliza e ao qual alimenta. Considerar a comunicação como um processo, como o fazemos, sugere que os dispositivos interacionais e seus episódios é que são os pontos nodais da circulação. O “produto”, em sua percepção expandida, é antes um caracterizador dos elementos de saída e de entrada que relacionam dispositivos interacionais no circuito. Por outro lado, o produto, como já indicamos, é um momento particularmente auspicioso da circulação – justamente porque, consolidado em sua forma que permanece (e que se multiplica, na sociedade em midiatização), pode continuar circulando e repercutindo em outros espaços. (BRAGA, 2017, p. 53).

O produto mediático está composto como um objeto para circular que realimenta o fluxo da circulação com seus dinamizadores da circulação, que não é em si o produto que circula, porém está incluído num sistema de circulação, e nesta perspectiva da circulação pensada como num *locus* epistemológico de onde se olha a comunicação, que Grohmann (2020) pontua através de Sodré (2014):

[...] não se trata de repetir um modelo funcionalista linear de comunicação (SODRÉ, 2014), mas de compreendê-la em sua faceta circular – com deslocamentos, arestas, rupturas, continuidades e conflitos. Por isso, tratamos de entender a circulação mais como um olhar para a comunicação e seus processos do que como um conceito fechado e unívoco. (SODRÉ, 2014; GROHMANN, 2020, p. 2).

Não há necessidade de uma repetição do modelo funcionalista linear de comunicação, mas a compreensão de seu modo de circulação, mas coadunam com a circulação nos Estudos Culturais, que conforme Grohmann (ibidem) segue como uma questão da circulação de sentidos que aparece numa abordagem culturalista:

[...] Pensar em “culturas de circulação”, o que também envolve a circulação de valor no capitalismo e os modos de circulação fora dos processos capitalistas, como a circulação do comum. Isso significa dizer que a circulação, em sua perspectiva comunicacional, também depende dessas culturas de circulação, ou seja, maneiras de produzir e consumir ideias, mercadorias e espaços, inclusive com determinados rituais, não somente midiáticos ou de consumo, mas de circulação. (GROHMANN, 2020, p. 6).

O autor neste ponto debate pensando em culturas de circulação no modo capitalista de produção de informação do mass media e que na perspectiva comunicacional depende das culturas de circulação. Na maneira da produção e consumo de ideias e assim em mercadorias, focados nessa circulação. Diferente de Braga (2017) que traz o processo de circulação numa perspectiva e não pela visão capitalista:

O processo de circulação não exige que o vínculo entre um episódio e outro, anterior ou subsequente, seja desenhado e constituído ad-hoc a cada processo de passagem. A sociedade elabora (sempre através de tentativas comunicacionais de criação, de ajuste e de aperfeiçoamento) processos mais ou menos reiterados de conexão e de tensionamento entre diferentes tipos de episódios – desenvolvendo assim lógicas articuladoras entre os dispositivos interacionais. (BRAGA, 2017, p. 44).

Além desse processo de circulação para Braga (2017) existe: “Uma tendência frequente é a de pensar “circulação” como referência ao processo desenvolvido pelo produto midiático, da emissão à recepção. Nessa perspectiva, mensagem, informação, produtos da mídia circulam”. (p. 45). Ou seja, é a informação como um produto midiático que circula.

As aproximações feitas nesta dimensão articuladora das relações, e os estudos sobre circulação para o autor remetem aos “contratos de leitura” de Verón (1983) onde se volta para construir de vínculos entre produção e recepção.

Antes as teorias da circulação estavam atreladas a teoria da ação social e dentro do campo dos estudos semiológicos, pensava o sentido na recepção a partir de operações gramaticais. Quando das primeiras hipóteses veronianas sobre a noção de circulação ainda não existia um instrumento empíricos-analíticos, segundo o autor. Para

Grohmann (2020) já exemplifica a circulação pensada por Verón (1996) e contextualizada por Fausto Neto (2010) em outra perspectiva sem citar as pistas das gramáticas de antes pelas hipóteses veronianas, que irá dar-se a partir dos deslocamentos e impermanências.

Os tensionamentos sobre a produção e recepção a partir de Verón (1983 e 1996), acontece em novas condições que consideram os deslocamentos deste processo. Analisa essas novas formas de organização da circulação pelos discursos. Passa da noção do intervalo para pontos de contatos, nesta complexidade da ideia de circulação que Fausto Neto (2010) denomina de “tecnodiscursiva”. A articulação de Braga (2017) evade dessas hipóteses veronianas, alçadas por Fausto Neto (2018) e reinterpretadas por Grohmann (2020), porém compreende que esses tensionamentos são pelas relações:

[...] agora percebidas como bem mais complexas, entre a produção e a recepção, o conceito de circulação – antes restrito ao intervalo entre os dois pólos – ganha vigor e relevância, e acaba por extrapolar esses limites. Em “A sociedade enfrenta sua mídia”, afirmamos que quando se trata de valores simbólicos e da produção e recepção de sentidos, o que importa mais é a circulação posterior à recepção. (BRAGA, 2017, p. 50).

Conceituar a circulação entre os dois pólos de produção e recepção, e os valores simbólicos estão vinculadas à circulação que acontece após a recepção. Os três autores trazem alguns pontos semelhantes sobre a produção e recepção para conjurar essa circulação em comunicação, em suas articulações. E como um meio de circulação, e trazem a Internet como um lugar e local também dessa circulação midiática. A constituição da circulação na Internet deste produto midiático, por Fausto Neto (2018) está voltada para a circulação dos sentidos.

O princípio da criação constitui a circulação, para o autor condensa outras redes de natureza midiática e assim torna-se uma fonte geradora de sentidos que são construídos em variáveis dinâmicas de complexidades, que produz e faz-se circular sentidos, não apenas sendo receptora.

Em consonância ao que pensa Fausto Neto (2018) sobre a Internet provedora dessa circulação midiática, Braga (2017) traz nesta perspectiva, o conceito de interatividade que expressa a possibilidade dessa circulação que passa pela Internet como nos meios de massa. Ainda conceituam a Internet como um lugar e local para a circulação midiática que os sentidos circulam por ela.

Que diferentemente de Grohmann (2020) não aborda este conceito de interatividade e nem mesmo denomina a Internet como este lugar e local de circulação, porém traz sua visão a partir das plataformas digitais que estão inseridas de toda forma na Internet para essa circulação e conceitua através das plataformas digitais, o que os demais autores atribuíam a circulação na e pela Internet, aponta para uma circulação comunicacional que está em produção e recepção de significados e sentidos dentro da Internet.

Os discursos acoplados e desencadeados constituem, segundo Fausto Neto (2018) é uma dinâmica como natureza da atividade de outras discursividades que estruturadas pelas lógicas da Internet. O processo de produção e recepção, esse efeito que se origina na rede é dela para com ela, a Internet.

Os autores Fausto Neto (2018) e Grohmann (2020) trazem diferentes conceitos para pontuar sobre a Internet, o primeiro descreve como sociotécnicos esses processos e tecnodiscursiva seria a forma como é produzida e recebida a informação, e o segundo ao denominar como plataformas digitais que englobam a Internet sem mencioná-la nominalmente. Enquanto Braga (2017) em mais consonância aos conceitos sobre a circulação na Internet trazidos por Fausto Neto (2018), atribui através de uma interatividade este processo de circulação midiática na Internet.

Conclusões

Os tensionamentos teorizados pelos três autores Braga (2017), Fausto Neto (2018) e Grohmann (2020) neste artigo refletem suas acepções sobre este processo de circulação midiática que perpassa etapas entre a produção e a recepção. Processos que são de origem epistemológicas e com dimensões amplas que esboçam uma perspectiva dessa circulação. Trouxeram em suas exemplificações que debatem o funcionamento desse processo e como acontece essa circulação midiática mediante a um produto midiático, que para o campo da comunicação é a informação.

Além de debaterem os conceitos de outros autores como Verón (1983 e 1996) pelas hipóteses veronianas e Sodr  (2014), objetivaram construir uma rela o entre o processo e a recep o, na teoriza o desses conceitos para a apreens o do objetivo aqui em compreender o processo de circula o midi tica. Ainda mesmo sem um objeto

empírico mencionado nas teorizações dos três autores, ali está presente a informação como um produto midiático, não sendo tratado com um corpus de análise para eles, mas nessas conceitualizações foram que amparam esses tensionamentos trazidos nos textos.

E ajudaram a compreender os vários processos para advir essa circulação midiática e as contribuições dos estudos de circulação para o campo da comunicação. Atribuíram conceitos para ilustrar que com a advento do uso da Internet na sociedade, os processos de produção e recepção sofreram mudanças em como circulam as informações pelas plataformas digitais, onde os sentidos da informação podem e são reapropriados.

REFERÊNCIAS

BRAGA, José. Luiz. **Circuitos de Comunicação**. In: BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina; RABELO, Leon et al. Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade. Campina Grande: EDUEPB. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/59g2d> 2017

FAUSTO NETO, Antônio. **A circulação além das bordas**. In: FAUSTO NETO, Antonio; VALDETTARO, Sandra (org.). Mediatización, sociedad y sentido. Rosário: Departamento de Comunicación - UNR, 2010.

FAUSTO NETO, A. **Circulação: trajetos conceituais**. Rizoma, [s.l.], v. 6, n. 2, 7 jul. APESC - Associação Pró-Ensino em Santa Cruz do Sul. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17058/rzm.v6i2.13004>. 2018.

GROHMANN, Rafael. **O que é circulação na comunicação? Dimensões epistemológicas**. Revista FAMECOS, 27(1), e35881. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2020.1.35881>. 2020.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**. Petrópolis: Vozes, 2014.

VERÓN, E.; LEVASSEUR, M. **Ethnographie de l'exposition: l'espace, le corps et le sens**. Paris: Bibliothèque publique d'information, Centre Georges Pompidou, 1983.

VERÓN, Eliseo. **La Semiose Social**. Barcelona: Gedisa, 1996.